

## Homenagem ao mestre

José Irineu Rangel Rigotti<sup>1</sup>

Na manhã de 27 de outubro de 2020, li no celular a mensagem do meu colega Cássio Turra, informando que nosso maior mestre, professor José Alberto Magno de Carvalho, tinha nos deixado, por volta das 3 horas daquela madrugada. Demorei para aceitar a notícia, numa espécie de lapso, quando a emoção se recusa a aceitar a realidade. Mas naquele mesmo dia, as mensagens de condolências, de carinho e da saudade que já se avizinhava não paravam de chegar. Ao mesmo tempo que confortavam, também reiteravam a verdade, cuja dor da ausência só poderia ser tolerada a partir das lembranças de um imenso legado.

A biografia do professor José Alberto é tão extensa para ser escrita, que nem mesmo um volume inteiro da *Rebep* seria suficiente. Aliás, nesse mesmo periódico da ABEP, que ele fora um dos principais fundadores em 1977, se encontram alguns de seus trabalhos mais preciosos. Seu papel pioneiro e marcante na Demografia brasileira é conhecido e reconhecido, em grande parte, pela antevisão do declínio da fecundidade e o consequente envelhecimento populacional. Daí se originou uma miríade de trabalhos, de sua própria autoria, mas também de tantas demógrafas e demógrafos de várias gerações, inspirados e provocados por sua sofisticada análise da dinâmica populacional. Digno de nota, não apenas a inter-relação entre os eventos vitais foi abordada, mas também propostas inéditas para as análises das migrações, que certamente destacam a Demografia brasileira por sua originalidade e vigor científico. Estas habilidade e criatividade de raciocínio demográfico (“precisa estar no sangue”) ainda permitiram mensurar o então novo fenômeno das emigrações internacionais do Brasil, a partir de meados dos anos 1980.

Mas uma descrição de suas realizações acadêmicas, dos cargos que assumiu ou das presidências que ocupou, embora fundamentais para a memória das instituições, provavelmente não faria jus ao maior legado que deixou: a humanidade de suas ideias. Incrível como a imensa maioria das infundáveis mensagens recebidas pelo Cedeplar (que ele também ajudou a fundar no final dos anos de 1960), quando nos deixou, relatam os aspectos mais singelos e sensíveis do cotidiano de uma vida acadêmica marcada pela atenção com os colegas professores, alunos, funcionários e todos os corações que habitam o prédio da Face/UFMG.

Os primeiros contatos que tive com o professor José Alberto foram em sala de aula, no início de 1991. Sua consolidada biografia ainda era acompanhada por uma voz imponente e grave, cujas pausas sempre lançavam um tom de dramaticidade aos eventos demográficos, irradiando na classe uma atmosfera de curiosidade, interesse e fascínio pela ciência.

Como em nenhum outro momento do ciclo vital, os jovens sabem quebrar a formalidade do necessário e obrigatório respeito aos grandes mestres. Em 1991 e 1992, meus semestres de estudo compenetrado coincidiram com dois títulos do Cruzeiro, na Supercopa. Aproveitando de minhas recorrentes dificuldades cognitivas na disciplina Técnicas de Migração e munido de várias dúvidas sobre a matéria, não perdi a oportunidade de entrar na sala do então diretor da Face vestindo uma camisa azul estrelada (Zé era um atleicano roxo, como todos sabem). No primeiro campeonato, um pouco tenso com o resultado da provocação, fui inspecionado de cima a baixo por vários segundos, com um olhar tangente e

---

<sup>1</sup> Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

engenhosamente ambíguo, como quem pensava, “Ah, estes jovens...!”, perfeita expressão do acolhimento, generosidade e esperança que nosso mestre sempre teve na juventude.

Logo em seguida, fui seu orientando de mestrado em um momento pessoal difícil e conturbado. Naquela ocasião, sua paciência e sabedoria mineiras mesclavam absoluto rigor lógico com um afeto experiente e propositivo, uma alquimia tão peculiar em suas orientações. Ser seu orientando novamente, no doutorado, foi uma consequência natural de longos e memoráveis diálogos, que entrelaçavam a objetividade científica e as divagações existenciais, sem muita cerimônia ou avisos prévios. Nesse período, nossos esforços visavam superar as limitações dos censos demográficos para as estimativas de migrações, mas cada pequeno avanço era entrecortado por café na cantina do Cedeplar e muitos outros assuntos – de futebol a pescaria, política, casos da infância, delícias culinárias de Minas, com grande destaque para os queijos.

Apesar de sua inegável aptidão para os aconselhamentos fraternos, eloquentes e frequentemente persuasivos, Zé ouvia como poucos e aceitava os contrários, com o respeito e a lealdade dos amigos sinceros. Já doutor em Demografia, quando de minha passagem pelo Inep e depois na PUC-Minas, nunca perdemos o contato ou deixamos de nos encontrar pessoalmente para colocar a prosa em dia. Estes encontros se intensificaram depois que fiz o concurso para professor no Cedeplar, em 2010. A migração de retorno é uma dessas etapas de histórias na bagagem e braços abertos.

Contudo, aquele ano talvez tenha sido um dos mais delicados de sua longa trajetória na Demografia. Aos 70 anos, a aposentaria o obrigou a se ausentar de suas atividades formais na UFMG. Nem mesmo as belíssimas cerimônias de homenagem ao título de professor emérito foram capazes de lhe restituir totalmente o entusiasmo. Em uma viagem para sua fazenda no sul de Minas, na companhia de seu neto, Diogo, e Luca, minha esposa, passamos alguns dias, ora no açude onde ele adorava pescar, ora na cozinha ou na varanda, entre uma dose de cachaça e um frango caipira. Em sua terra natal, aquela paisagem de montanhas onduladas lhe trouxe lembranças muito emotivas, das suas origens e passagens da vida em família, sua ida para o doutorado em Londres e tantas outras histórias.

Lembro-me de termos trocado muitas impressões e tentamos convencê-lo de que a aposentadoria, tema tão caro à Demografia e que ele tanto ajudou a compreender, era um rito de passagem marcante, mas poderia ser também o início de novas jornadas. Concordamos que, se há algo de nobre em nossa profissão, os textos, os encontros, as orientações, enfim, o registro e o debate das ideias são o que realmente fica para a posteridade.

Seria muita pretensão achar que aqueles diálogos surtiram grandes efeitos, mas, como a década então que se iniciava mostrou, nosso querido Zé escreveu, orientou, deu aulas, compartilhou mensagens eletrônicas no celular e até, recentemente, abrilhantou nossos seminários remotos com sua presença. Mostrou a resiliência dos ciclos intergeracionais quando, aberto às novas experiências, aprendeu a usufruir das tecnologias da informação com a ajuda de sua neta, Maria Flor. E floresceu novamente!